

ATUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DE LIBERTAÇÃO E IMPERMEABILIDADE DO DISCURSO LIBERTADOR*

**The actuality of liberation experience and the
impermeability of the liberation speech**

Rita Maria Gomes**

Resumo

Este artigo tem como objetivo primário refletir a experiência do pensar teológico próprio da América Latina. Não tem a pretensão de apresentar grandes novidades, mas tocar em pontos essenciais para nosso fazer teológico. Para tanto faz memória da experiência eclesial originária do discurso teológico amplamente difundido sob a égide da Libertação. Em seguida esboça os limites, pontua desafios e propõe caminhos possíveis para a Teologia na América Latina.

Palavras-chave: Igreja; Testemunho; Profetismo; Atualidade.

Abstract

The main objective of this article is to reflect on the experience of the Latin America's usual theological line of thought. There is no intention to present great novelties but rather highlight essential points of the Latin-American theological reflection. In order to do so, it recollects the ecclesiastical experience that comes from the theological speech, which is comprehensively diffused under the theme of the Liberation. Soon after this, it sketches limits, punctuates challenges and proposes new possible roads for the Latin America's Theology.

*Artigo enviado em 15/09/2010, aprovado para publicação em 03/11/2010.

**Graduada em Filosofia pelo Instituto Teológico e Pastoral do Ceará. Graduada e mestranda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Keywords: Church; Testimony; Profetism; Present time.

1. Introdução

Passada a efervescência eclesial gerada pelo Vaticano II nos primeiros anos do pós-concílio, nos encontramos diante de expressões “eclesiais”, não facilmente analisáveis. Jon Sobrino expõe muito bem esta dificuldade numa carta a Ignacio Ellacuría¹.

Há em nossa época um crescendo de movimentos pentecostais e neopentecostais, sem contar a busca pelo sagrado em matrizes orientais. Nosso povo carece de uma fé comprometida, tem vivido de devoções e celebrações extasiantes, de modo, a aliviar a dureza da vida². E muitos festejam a “morte da teologia da Libertação”.

Mas perguntamos: está a teologia da libertação morta? Não terá morrido uma configuração da teologia da libertação que deixou de ser *ortopraxis* para ser uma “ortodoxopraxis”³? Não terá morrido certo tipo de discurso, uma vez que o contexto histórico mudou?

Vejamos um pouco do caminho iniciado pelos grandes homens que lutaram para que sua fé fosse um autêntico seguimento do Cristo e que promovessem o Reino de Deus e sua justiça, gerando vida e vida plena para os mais necessitados.

2. Balanço histórico-existencial

Diante da teologia da libertação, tal como a estruturou e fundamentou Ignacio Ellacuría⁴, não podemos e não deixaremos que se celebre o velório da teologia latino-americana. Como bem nos lembra o Evangelho, “*pobres sempre os tereis*” (Mc 14,7). A história

¹ O autor escreve anualmente uma carta a seu amigo e companheiro assassinado com outros cinco jesuítas e duas funcionárias da casa em que moravam. Nessas cartas informa ao amigo a situação mundial atual. Carta a Ignacio Ellacuría em 2008 <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=30260>. Site consultado em 12.11.2009.

² Mais sobre esse panorama pode ser encontrado em Claude GEFFRÉ. “Pluralismo religioso e indiferentismo”, *Selecciones de Teología* nº 158 (2001) e “Para un cristianismo mundial”, *Selecciones de Teología* nº 151(1999).

³ Esta expressão inusitada quer pontuar o deslocamento sofrido com a sistematização inevitável da reflexão teológica da América Latina. A grande distinção da reflexão latino-americana em relação à teologia européia é a passagem de uma “ortodoxia” para uma “ortopraxis”. Parece-nos que a sistematização da teologia da libertação levou-a a posição ambígua de uma forma correta de pensar e falar da práxis cristã.

⁴ “Hacia una fundamentación filosófica del método teológico latinoamericano” in AA. VV., *Liberación y cautiverio. Debates en torno al método de la teología en América Latina*, México, 1975, p. 609-635.

está aí, nossas comunidades estão aí e não podemos deixar de responder a sua interpelação constante. Há pobres, há sofrimentos, há excluídos. Há uma estrutura econômica e midiática que manipula nossas ações e nossas relações.

Enquanto membros de um corpo eclesial, seguidores de Jesus Cristo, não podemos não agir diante do sofrimento de outro ser humano porque em Cristo todo ser humano é meu “irmão, irmã, mãe” (Mt 12,50). Não podemos contentar-nos com uma igreja virtual, que aliena, e aqui sim a crítica de Marx ganha corpo e sentido, uma religião que nos tira da realidade. Mas essa não pode levar o nome de Igreja de Cristo⁵.

Precisamos refazer o caminho percorrido pelos grandes homens que ousaram fazer teologia na América Latina. Precisamos sentir nossa realidade, suas necessidades, suas urgências, suas capacidades. Temos que honrosamente olhar para trás e perceber em que falhamos, em que pecamos, em qual parte do caminho nos desviamos ou endurecemos nossa cerviz e por isso, não conseguimos mais ouvir a voz de Jesus Cristo a nos guiar.

Quem sabe precisemos olhar com misericórdia para nosso próprio caminhar. Perceberemos que contribuímos e muito para a construção do Reino de Deus, inaugurado na pessoa de Jesus e que deveria ser continuado por nós, seus seguidores.

Mas, isto não significa olhar para nossa história com uma visão saudosista. É uma exigência ver criticamente e encontrar os fundamentos da reflexão latino-americana. Uma teologia que encontrou de novo a vida, que voltou a ser o que deve ser uma autêntica igreja cristã, uma igreja testemunha, uma igreja profética.

3. O testemunho verdadeiramente cristão

Cremos residir exatamente aqui o “calcanhar de Aquiles” da teologia da libertação na realidade brasileira. O Brasil só é América Latina geograficamente. Nossa cultura é de matriz européia, nossa música tem influência majoritariamente européia e norte-americana. O único ponto de contato com o resto da América Latina, no início da teologia da libertação, era o regime ditatorial militar. Aquele momento particular aproximou a igreja do Brasil das outras igrejas igualmente sofridas e vítimas de tanta repressão. Muitos foram os mártires.

⁵ James CONE. ¿Que é a Igreja?. In: AA. VV., *Vida y reflexion. Aportes de la teología de la liberación al pensamiento teológico actual*. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1983.

Como esquecer o testemunho do profundo amor cristão que movia um Monsenhor Romero, Rutilio Grande, Dom Luciano, Dom Hélder, o próprio Ellacuría e tantos outros que, seguindo o ensinamento de Jesus, não pouparam a própria vida, mas a deram, para que outros pudessem viver.

Como aceitar que se lance dúvidas à seriedade de homens que nada retiveram para si, que souberam viver o evangelho em sua radicalidade e que por isso mesmo continuam a incomodar mesmo após suas mortes, vítimas de assassinatos ou não. O testemunho de sua vida evangélica ressoa nas igrejas vivas, filhas do Vaticano II.

4. As Teologias da Libertação e seu discurso

Cremos que a teologia da libertação está mais viva que nunca, mas seu discurso tornou-se inaudível em nossa realidade brasileira porque não é seguido do testemunho e porque o contexto próprio exige uma linguagem adequada a essa realidade singular.

A teologia da libertação é tão importante e atual que é vista como um dos possíveis caminhos para o grande desafio do diálogo interreligioso⁶. Pois o que há de comum em todas as culturas e religiões é a existência de pobres, o lugar teológico por excelência da teologia da libertação. Redenção hoje se chama libertação e esta é o desejo profundo de cada homem em todos os tempos, lugares e culturas.

Quais são as formas atuais de escravidão, de exploração, de desumanização? Nosso mundo caracteriza-se pela ambivalência⁷. Há quem veja na emergência de uma experiência de fé marcada pelo devocional, uma vitória da fé. Mas a própria Escritura nos alerta para uma vivência da fé sem obras, sem testemunho (Tg 2,14).

Não se pode *a priori* esvaziar tais experiências, mas pode-se questionar seriamente uma fé espiritualizada demais e desencarnada da realidade de sofrimento que se arroga o nome de cristã. O mais distintivo da fé cristã é comprometer-se com o irmão, sobretudo com

⁶ É precisamente o caminho apontado por Paul Knitter. "Hacia una teología de la liberación de las religiones" in: John Hick & Paul Knitter, *The Myth of Christian Uniqueness. Toward a Pluralistic Theology of Religions*, Orbis Books, Maryknoll, Nueva York 1987, pp. 178-200. Traduzido por Pedro Rodríguez. Também Aloysius Pieris acentua esse caminho em vários de seus escritos. Este desenvolve uma teologia da libertação no contexto asiático.

⁷ Mais sobre o assunto pode ser encontrado em Zygmunt BAUMAN. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

o irmão sofredor, como o fez e ensinou Jesus. Em que se fundamenta uma igreja que vive do “sucesso”? Não será uma igreja idolátrica?

Todas as elaborações teológicas são passageiras, porque teologia é vida, é história. Mas Deus continua a dar sentido à história humana e por isso, a tarefa da teologia deve ser perceber o falar de Deus na experiência concreta do povo. Que formulação teológica a realidade de nossa igreja exige?

5. Para não concluir: desafios atuais

Atualmente não temos um governo militar que censura e mata os pais de família, trabalhadores, estudantes universitários, artistas, intelectuais. Mas, todas essas categorias de pessoas são vítimas, direta ou indiretamente, da violência causada por grupos paramilitares, pelo crime organizado.

Muitas vezes ficamos chocados com a realidade de algumas cidades, tais como o Rio de Janeiro, nas quais o poder de decisão sobre o tipo de vida ou sobrevida dos habitantes, de modo muito particular os dos grandes aglomerados, está nas mãos do crime organizado. A vida de tantos depende do humor dos líderes que comandam o tráfico de drogas e ceifam as vidas de crianças e jovens. Estes precisam de libertação.

Uma interrogação inquieta a inteligência e o coração: onde estão os cristãos comprometidos com a causa do oprimido? Calou-se, por acaso, a voz dos profetas?

Cremos ser necessário fazer o caminho do discipulado, aprender do Mestre na escola da vida. Saber que minha adesão ao Cristo é uma adesão ao Cristo Crucificado no povo crucificado. Nossas ações têm necessariamente consequências na história. Como cristãos temos que continuamente lutar pela implantação do Reino de Deus, prioritariamente onde esta realidade é mais dolorosamente negada, onde o ser humano carece de aparência humana porque foi desfigurado por nosso silêncio e omissão.

O valor da teologia da libertação não está nela mesma, mas na experiência da vida eclesial que a originou⁸. Essa Igreja existe numa configuração nova, com outros desafios, necessita de uma gramática nova. Método e objeto continuam os mesmos, são igualmente válidos, o discurso não. Este se tornou inaudível. A sistematização da

⁸ Carlos PALÁCIO. Que lugar para a teologia hoje?, *Perspectiva Teológica*, nº 72 (1995), p. 155-167.

experiência eclesial latino-americana pode ser a raiz de suas dificuldades. É exatamente aí que devemos centrar nossa atenção. Este deve ser o ponto de partida para a elaboração da nova gramática da libertação e o resgate do caráter profético de nossa teologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLACURÍA, Ignacio. Hacia una fundamentación filosófica del método teológico latinoamericano. In AA. VV., *Liberación y cautiverio. Debates en torno al método de la teología en América Latina*, México, 1975, p. 609-635.

ELLACURÍA, Ignacio. El pueblo crucificado. In: ELLACURÍA, Ignacio e SOBRINO, Jon, *Mysterium Liberationis*, II, 1990, p. 189-216.

ELLACURÍA, Ignacio. Dimensión política del mesianismo de Jesús. *Teología política*, San Salvador, 1973, pp. 23-43 (consultado no site <http://www.geocities.com/teologialatina> em 21/10/2009).

PALÁCIO, Carlos. Que lugar para a teologia hoje?, *Perspectiva Teológica*, nº 72 (1995), p. 155-167.

KNITTER, Paul. "Hacia una teología de la liberación de las religiones" in: John Hick & Paul Knitter, *The Myth of Christian Uniqueness. Toward a Pluralistic Theology of Religions*, Orbis Books, Maryknoll, Nueva York 1987, pp. 178-200.

CONE, James. ¿Que é a Igreja?. In: AA. VV., *Vida y reflexion. Aportes de la teología de la liberación al pensamiento teológico actual*. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1983.

SOBRINO, Jon. Carta a Ellacuría (2008). In: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=30260>. Site consultado em 12.11.2009.